


 CHRIS BUCKLEY
 THE NEW YORK TIMES

Dezenove dias depois de assumir como líder da China, Xi Jinping reuniu-se com os generais que supervisionam os mísseis nucleares do país e expressou uma demanda abrupta. A China tinha de estar pronta para um possível confronto com um adversário formidável, afirmou ele, sinalizando que desejava uma capacidade atômica mais potente para enfrentar essa ameaça.

Sua força, disse Xi aos generais, é um “pilar do nosso status de grande potência”. Eles deveriam, afirmou o líder chinês, avançar com “planos estratégicos para responder sob as condições mais complicadas e difíceis à intervenção militar de um inimigo poderoso”, de acordo com um resumo oficial interno de seu discurso pronunciado em dezembro de 2012 para o setor de mísseis nucleares e convencionais da China, chamado na época de Segundo Corpo de Artilharia, que foi analisado pelo *New York Times*.

Publicamente, as declarações de Xi em relação a assuntos que envolvem armas atômicas têm sido esparsas e corriqueiras. Mas seus comentários a portas fechadas, revelados nesse discurso, mostram que temores e ambições têm orientado o incremento transformador no arsenal nuclear chinês na década recente.

Desde aqueles dias iniciais, Xi sinaliza que uma força atômica robusta é necessária para marcar a ascensão da China como grande potência. Ele também transpareceu receios de que o arsenal nuclear relativamente modesto da China poderia ser vulnerável aos EUA – o “inimigo poderoso” – com sua rede de aliados asiáticos.

Agora, as opções nucleares da China aumentaram, seus estrategistas militares estão considerando armas atômicas chinesas não apenas como um escudo defensivo, mas também como uma possível espada – para intimidar e subjugar adversários. Mesmo sem disparar nenhuma arma nuclear, a China seria capaz de mobilizar ou brandir seus mísseis, bombardeiros e submarinos para alertar outros países em relação aos riscos de uma temerária escalada atômica.

“Uma capacidade de dissuasão estratégica potente pode forçar o inimigo a desistir de uma ação intempestiva, subjugando-o sem ter de ir à guerra”, afirmou o pesquisador Chen Jiaqi, da Universidade de Defesa Nacional, na China, em artigo publicado em 2021.

Esta reportagem tem como base discursos internos de Xi e dezenas de relatórios e estudos do Exército de Libertação



— *China explora como ampliar arsenal nuclear em cenário de rivalidade crescente com EUA*

Medo e ambição motivam avanço nuclear de Xi



Reformas abrangentes

Em discurso para saudar início do ano-novo chinês, Xi Jinping prometeu aprofundar reformas de maneira abrangente no país.

XINHUA/EPF/EFE - 8/2/2024

Popular, muitos publicados em revistas científicas e técnicas, para rastrear as motivações do incremento na capacidade nuclear militar da China.

Xi expandiu o arsenal atômico de seu país mais rapidamente do que qualquer outro líder chinês, aproximando a China da capacidade das grandes potências nucleares: EUA e Rússia. Xi dobrou o tamanho do arsenal atômico chinês, para

cerca de 500 ogivas; nesse ritmo, a China terá em torno de 1,5 mil ogivas até 2035 – aproximadamente a mesma quantidade que Washington e Moscou, cada, possuem atualmente em atividade, segundo autoridades americanas (EUA e Rússia têm ainda milhares de ogivas antigas guardadas no porão).

A China também está desenvolvendo uma série de mísseis, submarinos, bombardeiros e

veículos hipersônicos capazes de realizar ataques nucleares cada vez mais sofisticados. E reformou seu campo de testes nucleares na região de Xinjiang, abrindo caminho para novos testes subterrâneos, talvez se uma corrida armamentista irromper.

Uma grande mudança no poderio nuclear e na doutrina militar da China poderia complicar profundamente sua compe-

tição com os EUA. A expansão chinesa já desencadeia um debate intenso em Washington a respeito de como responder e intensifica a dúvida sobre futuros tratados maiores de controle de armas. Tudo isso enquanto o antagonismo entre EUA e Rússia também aumenta a possibilidade de uma nova era de rivalidade nuclear.

Xi e o presidente Joe Biden têm arrefecido rancores desde o ano passado, mas encontrar uma estabilidade nuclear pode ser difícil se a China permanecer fora de grandes tratados de controle de armas ao mesmo tempo que Washington compete contra Pequim e Mos- ②

 TUDO QUE VOCÊ PRECISA SABER
 SOBRE O MUNDO
 E O BRASIL
 É AQUI

pressreader